

O estrangeiro: nossa condição¹

NEUSA SANTOS SOUZA

O estrangeiro, diz o senso comum, é o outro. Outro que se afirma em muitos sentidos: outro país, outro lugar, outra língua, outro modo de estar na vida, de fruir, de gozar. O estrangeiro é o outro familiar, o estranho; o outro do conhecido, o desconhecido, o outro do próximo, o distante, o que não faz parte, o que é de outra parte.

Para a psicanálise, o estrangeiro é o eu. O eu, não tomado como quer o senso comum – unitário, coerente, idêntico a si mesmo –, mas o eu pensado em sua condição paradoxal – dividido, discordante, diferente de si mesmo –, tal como, de uma vez por todas, o poeta nos ensinou: “Eu é um outro”.

O eu, sua verdade é sua divisão. Uma divisão permanente, irreduzível. Divisão, e não síntese; outro, e não o mesmo, é assim que a psicanálise pensa o eu, esse estrangeiro, esse outro que somos nós.

Ao não querer saber nada do paradoxo, o senso comum e toda uma psicanálise que se sustenta aí partilham com o eu sua presunção e erro: presunção de ser um, desconhecimento de que se é sempre outro, estranho gêmeo, duplo assimétrico do sujeito; presunção de harmonia, desconhecimento de que há sempre discordância, conflito; presunção de liberdade, de livre arbítrio, desconhecimento de que se é sempre obrigado a fazer uma escolha, escolha forçada, na qual, no todo ou em parte, se perde sempre; presunção de síntese, desconhecimento da contradição que divide e desconcerta o sujeito; presunção, esforço vão, de alijar, cassar os direitos do estrangeiro que, desde sempre, mora em nossa casa.

Esse estrangeiro que, desde sempre vive em nossa casa, é o que há de mais exterior e íntimo, de mais estranho e familiar. Sendo o mais opaco,

¹ Publicado em KOLTAI, C. (Org.). *O estrangeiro*. São Paulo: Escuta, 1998.

o mais escondido, é, ao mesmo tempo, o mais estranho e o mais interior. O mais íntimo não se conjuga com a transparência – ao contrário, ele se diz no mesmo sentido que a opacidade. É capaz de suscitar angústia e horror justamente porque nos concerne, convive conosco, e por estar tão em nós, tão escondido em nós, se perde aí – tal qual um bem precioso que, de tão bem guardado se perde. Perdido, o estrangeiro retorna, e retornando como fato bruto destituído de forma, nos confronta com a distância, com o longínquo, com o informe, nos fazendo experimentar a estranha presença daquilo que antes nos fora familiar.

Num belo ensaio chamado “O estranho”, *Das Unheimlich*, Freud (1919/1977) nos faz caminhar pelo termo alemão nos mostrando o encontro dos contrários. Na própria palavra *heimlich*, que se traduz por “familiar”, encontram-se o familiar e o estranho. Seu sentido se desenrola em direção a uma ambivalência, chegando a um ponto paroxístico no qual coincide com seu oposto, *unheimlich*. A tese do artigo é rigorosamente fiel a esse achado semântico; o estranho é aquela categoria do terrorífico que remete ao conhecido e familiar – um familiar e conhecido que se tornou alheio, alijado que fora pelo processo de recalque, um processo que, ao excluir, faz do excluído a região nuclear, centro pulsátil da experiência do sujeito. Para falar dessa região, “terra estranha interior”, Lacan inventou um nome – êtimo, extimidade –, nome para designar, de uma maneira problemática, o real no simbólico. É que o simbólico que nos concerne, o simbólico que organiza a experiência analítica, abriga em sua estrutura uma heterogeneidade radical. É o real, o núcleo duro do real. No centro do dizer habita o que não se pode dizer, no universo feito de palavras há um mundo onde palavra alguma jamais pisou.

O estranho é esse enlace entre os registros simbólico e real que, num átimo, se nos apresenta no imaginário, lugar no qual tudo se representa, no qual tudo vem à luz. No entanto, o estranho se mostra aí despido das paramentos que dão consistência a este registro, nudez esta responsável pelo caráter terrorífico, pela presença angustiosa, marcas próprias do real como impossível de suportar. A experiência do estranho parece indicar um momento de ruptura no tecido do mundo, essa teia de véu, imagens, sentidos e fantasmas que constituem o pouco de realidade que nos é dado provar.

Mesmo que o estranho seja a experiência do informe, da perda das imagens, palavras e sentido, mesmo assim o sujeito se vê constrangido, *a posteriori*, a organizar esta experiência por meio de formas, palavras e personagens que compõem um novo cenário e que, de novo, restituem a consciência e o véu, véu de Maia, essa ilusão tão necessária para viver.

É assim que há formas, figuras, do estranho.

Uma de suas formas é o autômato. O autômato é isso que rouba o lugar do que deveria ser espontâneo e natural, tão espontâneo e natural que não se faria notar. O autômato é a figura em movimento daquilo que deveria ser inerte, areia movediça no lugar de terra firme, voz no lugar do silêncio, animação no lugar da quietude.

O automatismo mental, fenômeno não raro em pacientes psicóticos, é a presença de um Outro e seu discurso, presença de uma exterioridade, no centro da intimidade do sujeito. Experiência dramática que o agita, o inquieta, rouba seu silêncio e sossego. O paciente afetado pelo automatismo mental queixa-se de invasões, abusos, usurpações: vozes que gritam no silêncio, presenças impostas de ideias, sensações e atos, presenças forçadas que tomam seu pensamento e seu corpo semeando estranheza, transformando território íntimo em região estrangeira.

Lenz, o esquizofrênico dos longos, intermináveis passeios a pé, rouba do em seu sono por essa voz persistente, interroga seu interlocutor, alguém como nós que tem ouvidos para não ouvir: “Não está ouvindo a voz terrível que grita no horizonte afora e a que se costuma chamar silêncio?” (BÜHNER, 1985, p. 154).

A maioria de nós tem ouvidos, mas não ouve essa falação, “... essa modulação contínua de uma frase, verdadeiro monólogo interior que se articula com o diálogo exterior, essa frase que insiste e persiste, sempre a circular, sempre pronta a ressurgir sobre mil formas” (LACAN, 1955-56/1985, p. 132), frase esta que não ocupa demasiado o neurótico, mestre em arranjar tudo no sentido de que sua consciência se desvie dessa voz, mestre em ter ouvidos para não ouvir. Essa frase, esse discurso é o inconsciente – o inconsciente, Outro exterior e íntimo a quem estamos mais ligados que a nós mesmos, ainda que não queiramos saber nada disso. Outro que nos agita no ponto mais assentado de nossa identidade. Estranho Outro a quem nos agarramos

no ponto de extremo desamparo, em que todo o conhecido se afasta, em que todo familiar se ausenta, em que todo o íntimo se separa. Nesse lugar onde todo sustento vacila encontra-se o Outro em sua extimidade, exterioridade íntima, estranho familiar, estrangeiro nativo.

Uma outra figura do estranho é o duplo. Duplo que pode aparecer como imagem especular ou como sensação de pura presença que, apesar de invisível, não deixa dúvidas quanto à sua existência.

Num conto chamado *Le Horla* (1984), Guy de Maupassant nos oferece em belas páginas, a experiência do estranho como pura presença. Presença de um ser cujos limites continuam com a alma e o corpo daquele que, sem escolha, abriga o estrangeiro. “Eu vivia”, diz o narrador, “sem o saber, esta dupla vida misteriosa que faz duvidar se há dois seres em nós ou se um ser estrangeiro, impossível de ser conhecido e invisível anima (...) nosso corpo cativo que obedece a esse outro, como a nós mesmos, mais que a nós mesmos”.

Que o duplo possa suscitar inquietude e estranheza não é evidente, não se vê, de imediato, o porquê. Ao contrário, o que se observa aponta em outra direção: a criança, por exemplo, ao descobrir sua imagem no espelho, experimenta júbilo, alegria, e não estranheza e inquietação.

É verdade, mas isso se dá porque a imagem do duplo se confunde com o eu ideal, imagem de plenitude e onipotência com que sonha nosso pequeno e frágil eu. No entanto, é por aí mesmo, por fazer contraste com nosso miserável eu, por assinalar nossa precariedade, é por isto que a imagem do duplo ganha seu sentido terrorífico, ameaçador. O que era imagem especular vira espectro, vulto, fantasma anunciador da morte. O que era motivo de júbilo, torna-se causa de estranheza, o familiar é agora estranho.

Outra figura do estranho é o feminino. O feminino pensado como diferença, alteridade – o feminino como Outro. Outro sexo, outro modo de gozo, outra raça, outro país, outra língua. O feminino é o Outro que se opõe ao mesmo, resiste ao um da norma, faz objeção ao todo, à totalização, se contrapõe à ordem dominante. Norma de um lado, feminino do outro. A norma é sempre o masculino, o fálico, o adulto, o europeu. O feminino é o excedente, a desmesura, o que não se deixa reduzir, o que com a norma, não tem medida comum. Nesse campo aberto habita o estrangeiro, o

diferente, o que caminha em outra direção. Mora aí nessa região sem fronteiras aquele que convive com outro sentido, com outra significação, e que passeia por outros mundos possíveis. Mundos onde reina outra lógica, onde se fala outra língua. Nessa região habitam os psicóticos. Em sua deriva, e à moda nômade, os psicóticos se encontram aí, estrangeiros ao senso comum e ao bom senso, estrangeiros para o outro, estrangeiros para si mesmos, eles que se acham tão despojados de um si mesmo.

Diferentes dos neuróticos, normais e comuns, não partilham da graça de estar em sua própria casa. Às vezes, seu corpo e sua língua lhes são hostis, tecem tramas e armadilhas, tornam-se perigosos, perseguem-nos, obrigando-os a travar um duro combate no seio de um si mesmo disjunto – corpo próprio faz-se corpo despedaçado, corpo, membro e língua disjuntos.

Wolfson, “o estudante de línguas esquizofrênico”, como se autointitulava, escreveu um livro memorável, *Le schizo et les langues* (1970) no qual nos revela sua vida, por meio de seu trabalho – mais que trabalho, uma permanente luta cotidiana com a língua materna. Sua língua, o inglês, lhe é hostil. Nada o perturba, nada o aflige, nada lhe faz tão mal quanto ouvir palavras inglesas. Diante de uma palavra em inglês, “o idioma doloroso”, Wolfson tenta buscar uma palavra estrangeira que lhe seja equivalente, no que se refere tanto ao sentido quanto ao som.

Aqui, o familiar se tornou estranho, e o estrangeiro, familiar. O procedimento de Wolfson nos demonstra a experiência da extimidade em que se articulam o exterior e o íntimo, o estrangeiro e o familiar. Uma dupla tarefa se impõe a Wolfson: destruir a língua materna que se tornou estranha, e destruí-la produzindo o estrangeiro. Sua tarefa, seu empenho, é fabricar uma verdadeira língua estrangeira. Para Wolfson não basta traduzir o inglês numa outra determinada língua. Isso é pouco, ele quer mais. Para destruir a língua materna que se tornou insólita e nociva ele precisa do concurso de muitas línguas. Contra o familiar que se tornou estranho é preciso inventar o estrangeiro. Assim, ele cria um amálgama de várias línguas: subverte gramáticas e sintaxes, ousa modificações ortográficas, tudo isso para que sentidos e sons sejam preservados nessa transposição, verdadeira viagem que faz de Wolfson cidadão do mundo, estrangeiro para todos.

Viajante nômade, Wolfson atravessa países e continentes sem sair de seu

gabinete de estudos. É que ele trouxe o estrangeiro para casa. Fez de sua casa, de sua terra, de sua língua natal, território estrangeiro. Dentro do familiar engendrou o estranho, num movimento inverso àquele que tornou insólita e estranha sua língua materna, sua língua familiar.

A experiência de Wolfson não é isolada. A afinidade dos loucos com o estrangeiro, em matéria de língua, é fato inconteste. Só para tomar um exemplo ilustre, Qorpo Santo, nosso mestre maior do teatro do absurdo, no vigor de sua loucura, propôs destruir a antiga ortografia do português, sua língua materna, romper com a identidade do passado, quebrar com o familiar e criar um modo novo de escrever. No ato de Qorpo Santo pode-se ler sua enunciação: “...que nos venha um ar novo, fresco, para arejar o velho, o familiar; que nos chegue um toque de novidade, pouco importa que seja estranho; bem-vindo o estrangeiro no lugar do familiar.”

A vivência do estranho familiar, já o dissemos, não é privilégio de nenhum sujeito, não especifica nenhum tipo clínico. Ela aparece para todos e para qualquer um. Psicóticos e neuróticos, cada um a seu modo, partilham dessa mesma experiência. O sintoma neurótico, por exemplo, Freud o pensou como o que haveria de mais estranho ao eu no interior da alma, uma verdadeira “terra estranha interior” (FREUD, 1933, p. 7).

A experiência de estranheza às vezes se veste com o sentimento de fastio do mundo. Num texto de rara beleza sobre a transitoriedade, Freud (1961, p. 345-348) se refere ao “doloroso fastio do mundo”, sentimento que acomete alguns sujeitos quando afetados pela finitude das coisas, finitude que não poupa nem a beleza nem a perfeição.

Afetado pela transitoriedade das coisas, há quem mergulhe na dor, nas paixões tristes, no sentimento de estranheza, no abandono o mais desamparado. O mundo se torna estrangeiro e o sujeito faz-se presa do desalento. Mas, é o que pondera Freud, não é obrigatório que as coisas se passem assim. Por que a transitoriedade haveria de desqualificar os seres aos quais ela toca! Como o belo e o perfeito se tornar-se-iam menos valiosos?

A transitoriedade não implica desvalorização dos valores, ao contrário, ela se constitui como um bem a mais, um valor excedente – o valor de escassez no tempo. Que o gozo de algo seja limitado por ser breve, que o usufruto de um bem seja circunscrito por ser efêmero, que seja assim, só acres-

ce o valor do bem. O pensamento da transitoriedade do belo e do perfeito não se conjuga necessariamente com o doloroso fastio do mundo. E quando isso ocorre, posto que é da ordem do possível, é porque o sujeito foi atravessado por um pensamento de luto. Um luto ao qual o sujeito se antecipa e resiste, luto contra o qual se revolta ao vislumbrá-lo no horizonte. Num movimento contraditório, o sujeito precipita a perda e se agarra ao objeto. Adianta-se e imobiliza-se frente ao trabalho de perder o perdido.

É nesse estado de alma que o estranho como “doloroso fastio do mundo” se presentifica ao sujeito. Pudesse esse acolher o efêmero, admitir a transitoriedade de todas as coisas, abraçar o nômade em sua transição fugaz, pudesse o sujeito dizer sim ao estrangeiro, esse passageiro da diferença, e o estranho haveria de se conjugar, não com inquietude, desalento, dor e medo, paixões tristes, mas aliar-se com a alegria do novo, com a afirmação do múltiplo, afirmação trágica do plural, do diferente. Só assim o estranho viria a se definir como afirmação alegre da diferença, verdadeiro antídoto contra toda forma de racismo. O racismo é essa peste, olhar odioso que afeta o Outro, visada de ódio e intolerância àquilo que funda Sua diferença. Ódio e intolerância ao Outro, o racismo é essa maneira funesta de pensar e agir, fruto de uma vontade totalitária em seu duplo afã de extirpar do Outro o seu modo de gozo e, ao mesmo tempo, de lhe impor o nosso.

Contra o racismo de todas as cores, de todos os sexos, de todas as crenças, de todas as línguas, de todas as culturas, de todos os países, contra esse horror, que nos valha o estrangeiro – o estrangeiro de toda a parte, o estrangeiro do exterior e do interior de nós mesmos.

Referências

- BÜHNER, G. *Lenz*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 154.
- FREUD, S. *O estranho* (1919). Rio de Janeiro: Imago, 1977. p. 275-314. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 17).
- _____. *Conferência XXXI* (1933). Rio de Janeiro: Imago, 1977. p. 7. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 22).

_____. *Sobre a transitoriedade* (1961). Rio de Janeiro: Imago, 1977. p. 345-348. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 14).

LACAN, J. O seminário, livro 3: As psicoses (1955-1956). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p. 132.

MAUPASSANT, G. de. *Le Horla*. Paris: Albin Michel, 1984.

WOLFSON, L. *Le schizo et les langues*. Paris: Gallimard, 1970.